

## REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO NO BRASIL: UMA ANTOLOGIA

**Aluna: Anna Olga Prudente de Oliveira**  
**Orientadora: Marcia Amaral Peixoto Martins**

### **Introdução e Objetivos**

Neste segundo ano de pesquisa demos continuidade à proposta de elaboração de uma primeira antologia brasileira composta por comentários e reflexões de tradutores, escritores e editores acerca da tradução e do processo tradutório.

O objetivo do estudo permaneceu o mesmo: reunir um conjunto representativo de reflexões sobre a tradução por parte de autores, tradutores e críticos brasileiros, com vistas a conhecer e divulgar o pensamento acerca dessa atividade produzido em nosso sistema cultural. Entendemos por “reflexões” textos integrais ou fragmentos que refletem sobre questões ligadas à tradução, tais como maneiras de traduzir, visões de tradução, conceitos básicos, possíveis fronteiras entre tipos de tradução, traduções indiretas vs. traduções diretas, relações assimétricas entre culturas fonte e alvo. Acreditamos que a reunião de tal *corpus* pode contribuir para um melhor entendimento de como a tradução é vista, praticada e avaliada no Brasil, e dos motivos que subjazem a esses caminhos de prática, além de pioneiramente apresentar e difundir discursos sobre a tradução produzidos em um sistema cultural e idioma não hegemônicos, propiciando-lhe assim condições de visibilidade.

### **Metodologia**

A primeira fase da pesquisa (2009-2010) teve um escopo mais amplo, por se tratar de terreno inexplorado. Conseguimos localizar reflexões de escritores-tradutores, além de comentários de editores, publicados em edições datadas desde a segunda metade do século XIX até o final do século XX. Nesta segunda fase (2010-2011) nos concentramos em tradutores de obras clássicas, sobretudo greco-latinas. De 27 obras pesquisadas, encontramos comentários acerca da tradução em 13 delas. As obras foram pesquisadas no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

### **Conclusões**

Do século XIX, encontramos os comentários do Barão de Paranapiacaba que traduziu a comédia *Aulularia* de Plauto. Também acerca de traduções da obra de Plauto encontramos comentários dos tradutores Aída Costa (1967) e Agostinho da Silva (1952).

De autores gregos, foram pesquisadas traduções de Platão, Aristóteles e do comediógrafo Aristófanes. Encontramos traduções do século XX, editadas de 1936 a 1980, dos seguintes tradutores: Albertino Pinheiro, Carlos Alberto Nunes, Eduardo Menezes, Gilda Maria Reale Starzynski, J. Guinsburg, Jaime Bruna, João Cruz Costa, Jorge Paleikat, José Cavalcanti de Souza, Leonel Vallandro, Maria Lacerda de Moura e Miguel Ruas.

O último texto inserido na pesquisa já é do século XXI: o comentário da tradutora Rosa Freire D’Aguiar sobre sua tradução de *Os Ensaíos* de Montaigne, publicada pela Companhia das Letras em 2010.

A seguir, apresentamos os tradutores, nossas considerações acerca dos textos encontrados, seguidas dos textos propriamente ditos:

## Barão de Paranapiacaba

Em dedicatória de 1889 feita ao Visconde de Ouro Preto, o Barão de Paranapiacaba ressalta com humildade as imperfeições de sua tradução da comédia *Aulularia*, que em português foi intitulada *A Marmita* [1]. Observamos que em seu comentário está subentendida a ideia de que a tradução é inferior ao original. A visão de que as obras antigas clássicas funcionam como uma fonte para se “restaurar a pureza da língua” corrobora a ideia de deterioração da língua por parte dos falantes e, conseqüentemente, o entendimento da existência de uma língua mais pura que os eruditos devem buscar alcançar através dos estudos. Ainda assim, o trabalho do tradutor parece ficar em um nível aquém do ideal desejado, o que faz com que ele venha a pedir que o leitor “releve os erros e defeitos” contidos em seu “humilde engenho”. A seguir, o texto integral da dedicatória, e depois uma nota em que ele comenta uma escolha tradutória:

*Exm. Sr. Conselheiro de Estado Visconde de Ouro Preto*

*No excelente tratado -- O Penhor, V. Ex., referindo-se ao penhor agrícola sem deslocação, teve a bondade de qualificar lisonjeiramente o livro, em procurei naturalizar no Brazil essa instituição, posteriormente inserida por mim no projeto de lei de 1875, e nele conservado pelo Poder legislativo no Ato de 6 de novembro desse ano.*

*Quando outros títulos não houvesse adquirido V. Ex. a minha gratidão, bastaria, para conquista-la, essa honrosíssima referência, que é para mim motivo de ufania e estímulo para redobrar de esforços no serviço da Pátria.*

*Que láurea mais meritória para o obscuro escritor do que as palavras animadoras do mestre, costumado, desde a primeira mocidade, a triunfar em todas as lutas da mentalidade, e a quem, ainda em meio do estadio da vida, já não restavam louros que colher, quer na imprensa, quer na ciência do Direito, quer nas lutas do parlamento, quer na administração?*

*Não possuo moeda para pagar os juros sequer de tamanha dívida de gratidão, e muito menos quando o credor é um Crésó de generosidade, que espalha a flux os inapreciáveis tesouros dela, sem levar nisso outra mira senão a de projetar sobre os que dele se aproximam as irradiações de seu privilegiado espírito.*

*Ninguém pode, porém, refrear o impulso do reconhecimento, cuja manifestação não ofende a quem dele é alvo.*

*Dou testemunho do meu, colocando sob o amparo do nome ilustre e consagrado de V. Ex., esta minha versão da *Aulularia*, de Plauto. E, creio, o primeiro ensaio, que do Teatro latino se faz em verso português. Escasso é o seu mérito literário: mas representa paciente esforço para trasladar em vernáculo os modelos da arte antiga, fonte, em que se vai retemperar o gosto e restaurar a pureza da língua.*

*V. Ex., cuja elegância e elevação de estilo prova sérios estudos clássicos, constituindo-o Juiz Competente, relevará os erros e defeitos, que nesse trabalho encontrará e a minha ousadia em oferecer-lhe tão pouco fruto de tosco e humilde engenho.*

*Rio, 12 de agosto de 1889.*

*De V. Ex.*

*Grato amigo, sincero admirador e reverente servo.*

*Barão de Paranapiacaba.*

*Nota 1 – Armazém de bofetões:*

*Stimulorum seges, diz o original. Seara de agulhões. É como se Euclião dissesse à Stáphila: “Tinha que ver o eu dar satisfações de meu proceder a uma velha, que merecia ter a cara cosida de lanhos e costuras, produzidas por agulha, ou estilete, em espessura tão grande, como a de uma seara, prestes a ser ceifada.”*

*Como traduzir em português essa ideia?*

*Quando, em palestra literária, se discutiu esta parte do texto latino, um dos cavalheiros, que assistia à leitura da versão, lembrou como equivalente das mencionadas palavras a popular qualificação – cara de escumadeira – que se aplica aos que trazem o rosto pontilhado de numerosas cicatrizes de varíola. Não me pareceu que assim ficasse interpretado o pensamento de Plauto. Este não fala de sinais de agulhão, e sim da cara. Que merecia se lhe imprimissem sulcos com estilete, ou agulha. Esta é a inteligência, dada ao trecho por Gueudeville, em sua tradução das Comédias de Plauto, edição de Leide, 1719.*

Nota referente à seguinte passagem da tradução (p.15):

*Euclião*

*Não te dou satisfações.*

*O motivo? Que te importa,*

*Armazém de bofetões? (1)*

*(...)*

### **Aída Costa**

Na introdução de sua tradução da *Aulularia* de 1967, intitulada *A comédia da panelinha* [2], Aída Costa faz uma análise de Plauto. A tradutora, ao refletir acerca dos méritos autorais do comediógrafo latino, utiliza o termo “tradutor” em uma acepção mais abrangente. Contestando o senso comum de que a obra de Plauto não seria original, mas uma imitação dos clássicos gregos, Aída Costa afirma que Plauto é mais que um tradutor, alegando que o autor faz uso de uma “liberdade de um criador, que faz escolha pessoal, (...), sem se ater ao texto original”. Em seu comentário, está implícita a visão do tradutor como alguém que segue o original sem ter uma liberdade de criação. A ideia de fidelidade ao texto está presente no ideal de tradução delineado pela tradutora; uma vez que Plauto apenas se inspira nos temas e “motivos gregos”, ele não se insere na categoria tradutor, mas sim possui o *status* de autor. A seguir, um trecho da orelha do livro em que Plauto é apresentado, ressaltando que, apesar de “não ter sido um espírito inventivo”, o autor realizou uma adaptação apropriada da temática grega ao contexto latino. Logo depois, o trecho da nota de Aída Costa, intitulada “Plauto: seu público, sua comédia, a *Aulularia*”:

Orelha do livro:

*Tito Mácio Plauto nasceu em Sarsina, Úmbria, cerca de 254 A. C. (...)*

*Como Lívio Andronico, seu antecessor, e com Terêncio, seu continuador, Plauto não foi um espírito inventivo. Imitou Menandro, Dífilo, Filemão e Apolodoro. Serviu-se de assuntos da comediografia grega, mas soube adaptá-los com graça e vivacidade ao gosto e à compreensão de uma plateia pouco afeita a sutilezas e eufemismos, retratando de preferência aspectos da vida cotidiana, sem descurar do estilo e da linguagem, o que lhe dá realce entre os comediógrafos latinos.*

*Plauto: seu público, sua comédia, a *Aulularia**

*Temos falado de Plauto como tradutor do teatro grego. Perguntamo-nos se não há, então, originalidade na obra plautina.*

*(...)*

*Enfim, pode afirmar-se, com convicção, que Plauto não traduziu, pura e simplesmente, a comédia grega, e nem era crível que o fizesse, uma vez que já o pioneiro Lívio Andronico introduzira nela algo de romano com o fim de torna-la compreensível ao grande público.*

*Se Plauto tivesse traduzido, simplesmente, seu mérito seria excepcional, porque, amarrado a um texto, ele teria conseguido essa maravilha de espontaneidade e graça que são os seus diálogos. Por melhor que seja, por mais senhor da língua e dos seus recursos estilísticos, o tradutor muito raramente consegue ocultar o autor. Ora, levando em conta que a língua latina, ao tempo, se iniciava apenas nos seus usos literários, como acreditarmos que, em Plauto, o domínio dela e da técnica do diálogo fosse tal que não se traísse o original? Parece-nos que Plauto não foi um mero tradutor, nem mesmo, talvez, um verdadeiro tradutor, mas que ele se tenha valido dos temas, dos assuntos, e dos motivos gregos como material para as suas comédias, cuja estrutura é a estrutura grega, como se valeu dos metros gregos para emprega-los a seu modo, para tirar partido deles, segundo seu sentido estético e o gosto do seu público. Usou do material linguístico com a ampla liberdade de um criador, que faz escolha pessoal, segundo a consciência que tem do sistema geral da língua e do que supõe ter o seu interlocutor, sem se ater ao texto original.*

### **Agostinho da Silva**

Agostinho da Silva, tradutor de comédias de Plauto e de Terêncio, em nota sobre sua tradução da *Aulularia*, editada em 1952 [3], ressalta a dificuldade que o tradutor encontra para verter, para uma língua moderna, um autor antigo como Plauto. O tradutor diferencia tradução e adaptação, ao abordar a questão da tradução de jogos de palavras e de fatos e costumes anacrônicos à época em que a tradução é realizada. Para ele, o tradutor precisa nesses casos realizar uma adaptação para tornar o texto traduzido “inteligível”. Silva também ressalta o problema da perda e a questão da fidelidade ao original; ocorrendo, por exemplo, uma inevitável perda na tradução de um texto original em verso vertido em prosa para outra língua. Assim, em sua concepção de tradução estão presentes a valorização e a busca pela fidelidade ao original e as ideias de perda no processo tradutório e de dificuldade relacionada às diferenças históricas culturais e linguísticas. A seguir, o comentário integral do tradutor e depois uma breve nota de pé de página em que é mencionado um “trocadilho de tradução impossível”:

#### *Nota sobre a tradução*

*De todos os autores latinos, são provavelmente os comediógrafos os mais difíceis de verter para uma língua moderna. Por um lado, as formas arcaicas do latim, incompreendidas e adulteradas pelos copistas de idades mais recentes, tornam o texto muitas vezes incerto: por outro lado, o uso, como uma das fontes do cômico, dos jogos de palavras e de frases de duplo sentido, as alusões a fatos e costumes que eram atuais, e, numa palavra, a atmosfera diferente da época republicana de Roma e da nossa época, fazem que em muitos pontos a tradução, para se tronar inteligível, tenha de ser, de certo modo, uma adaptação.*

*Não é também de somenos importância que se traduza em prosa um original em verso, e em versos que são dos mais difíceis e dos mais complicados que podemos encontrar*

*na métrica latina: a variedade de ritmos perde-se por completo na versão e é fora de dúvida que, na maior parte das vezes, o sentido, ou a impressão sobre o leitor não é exatamente a mesma; de resto, até para um romano, a impressão sobre um leitor seria diferente da que sofreria um espectador, visto serem cantados alguns dos trechos, outros recitados com certa entonação musical.*

*A presente versão procurou seguir o mais possível o original e em caso nenhum sacrificou a fidelidade à elegância de dição ou à facilidade de inteligência; teve-se igualmente em mira conservar quanto possível o tom geral da linguagem, que era, como se sabe, não o latim literário de Cícero ou de César, nem o latim vulgar, que deu o acervo essencial das línguas românicas, mas, basilarmente, o latim familiar ou coloquial de Roma, empregado na conversação das pessoas cultas.*

A. S.

Nas notas de pé de página, há uma sobre tradução (peça *Os cativos* de Plauto): p.106 Ato I (n.1) *Há no original um trocadilho de tradução impossível, que versa sobre a amante invocata (“invocada” ou “chamada a comparecer”) e o parasito invocatus (“não convidado”).*

A passagem a que o tradutor se refere é: *“Não é verdade que os amantes, quando deitam os dados num banquete chamam pela sua amada?”*<sup>1</sup>

### **Albertino Pinheiro**

Nas edições encontradas de traduções de Albertino Pinheiro das obras de Platão, *O Banquete* e *A República*, e de Plotino, *Do Amor* [4], não há comentários do tradutor sobre a tradução. Em suas notas constam apenas informações contextuais, explicativas das obras.

### **Carlos Alberto Nunes**

Não foram encontrados comentários acerca da tradução nas edições pesquisadas das traduções de Carlos Alberto Nunes [5]. O tradutor verteu para o português vários *Diálogos* de Platão. Na edição de 1970 da Melhoramentos, há uma introdução que analisa a obra de Platão e que ao fim menciona o objetivo da edição brasileira de restaurar a “verdadeira imagem do Filósofo”. Esse breve comentário compreende uma perspectiva de que a tradução irá resgatar um sentido original verdadeiro e trazê-lo ao público leitor moderno. A seguir, o mencionado trecho da introdução:

*“Para a restauração da verdadeira imagem do Filósofo só há um caminho: o estudo de todos os escritos que, com o seu nome, chegaram até nós. Não é outro o fim a que se propõe a presente edição brasileira dos Diálogos.”* (p.63)

### **Eduardo Menezes**

Na tradução de Eduardo Menezes de *A República* de Platão [6], há apenas uma nota em que o tradutor aborda um costume empreendido pelos tradutores, que suprimem determinada frase por não haver um sentido correspondente “apropriado”. Nesse breve comentário, observa-se a questão do ideal de uma equivalência de significado, que

quando é percebido como impossível de ser realizado, opta-se por não traduzir a determinada passagem. A seguir, a nota do tradutor e a passagem a que se refere:

Nota 36 (p.300): *Costumam os tradutores suprimir aqui a célebre frase sobre as condições deste número geométrico; porque parece impossível encontrar-lhe sentido apropriado.*

A passagem do texto a que o tradutor se refere é: *“Mas para a raça humana há um número geométrico, (36) cujo poder preside às boas e às más gerações.”* (p.219)

### **Gilda Maria Reale Starzynski**

Na edição de 1972 de *Os Pensadores* publicada pela Abril Cultural [7], encontramos notas de pé de página na peça *As nuvens* de Aristófanes, traduzida por Gilda Maria Reale Starzynski. Em algumas dessas notas, podemos observar considerações da tradutora sobre as escolhas tradutórias. A questão mais presente é a adaptação empreendida pelo tradutor, seja alterando o original “a fim de manter o jogo de cena e de palavras”, seja evitando uma tradução literal que na língua de chegada se tornaria uma “vulgaridade intolerável”. Vemos o pudor da tradutora que em um caso específico toma a liberdade de realizar uma adaptação do texto original para não ter que utilizar em sua língua uma expressão de extremo mau gosto, em seu entendimento. A seguir, as notas da tradutora e ao fim uma observação mencionando a escolha da tradutora para a referida questão de se evitar a vulgaridade no texto traduzido:

p.180 (n.5): *“Um dos recursos cômicos de Aristófanes são os trocadilhos, que procuramos adaptar na medida do possível. Assim, aqui “raça/ roçar” e adiante “espojar-se/despojar”.*” Vv.33-34.

p.190 (n.78): *“Trocadilho. Aristófanes refere-se aos poetas cômicos, que ainda conservavam vestígios dos tempos em que se cobria o rosto de borra de vinho para atirar invectivas contra os participantes e assistentes do “komos”. Traduzimos “poetas de borra”, expressão que na linguagem popular portuguesa tem sentido depreciativo: “poetas sem nenhum valor, ordinários”.*

p.194 (n.116): *“Trocadilho forçado, talvez uma pilhéria com os gramáticos (Rima).”*

p.202 (n.189): *“Sócrates, preocupado com as sutilezas gramaticais, não percebe que Estrepsíades incluiu uma ave entre os quadrúpedes. Fomos obrigados a alterar o original a fim de manter o jogo de cena e de palavras, o que seria impossível com as palavras “galo e galinha”. Cf. vv.874ss.*

p.217 (n.306): *“Aristófanes associa duas ideias diferentes: a consequência do castigo brutal recém mencionado e a perversão sexual, usando de um adjetivo expressivo, mas que traduzido literalmente seria de uma vulgaridade intolerável. Procuramos adaptá-lo, empregando uma palavra que traduzisse as ideias de afronta física, falta de pudor e de vergonha.”*

Obs: a escolha da tradutora foi a palavra “esculhambado”; a fala do personagem Justo ficou assim: *“-- Quê?! E se por ter acreditado em você lhe enfiarem um rabanete no rabo e o esfolarem com cinza? Ele terá algum argumento para afirmar que não é um esculhambado?”*

## J. Guinsburg

Na tradução de J. Guinsburg de *A República* de Platão, publicada em 1965 [8], não há comentários do tradutor, mas há uma introdução e notas de Robert Baccou. Em seu texto, Baccou não aborda especificamente questões sobre a tradução, mas tece considerações relevantes acerca dos manuscritos em que a presente tradução foi baseada. Assim, seu comentário reflete uma preocupação com as fontes e a questão do original, fundamental em textos antigos que passaram por diversas transformações ao longo do tempo. Essa preocupação fica clara quando ele conclui que a presente tradução segue, em geral, determinada edição, “exceto em algumas raras passagens, indicadas nas notas, onde adotamos, quer a lição do *Parisinus A*, quer determinada conjetura que nos pareceu a única a dar ao texto um sentido aceitável”. A seguir, a nota de Robert Baccou:

### *Nota sobre o texto da República*

*Nossos mais antigos manuscritos dos Diálogos de Platão datam do século IX e foram provavelmente estabelecidos conforme diversas cópias de um arquétipo do século V em uso nos meios neoplatônicos. É difícil determinar as origens deste arquétipo, mas não se pode duvidar que reproduzia um texto excelente.*

*O manuscrito Parisinus A (Bibl. Nat., fundo grego, nº1 807) é o mais venerável e o mais belo dos manuscritos platônicos. A ordenação do texto, a elegância da caligrafia, a precisão da acentuação, demonstram tratar-se de um exemplar de luxo, transcrito com a máxima solicitude por um douto copista. Como, além disso, conserva mais fielmente que os outros manuscritos as formas e as particularidades do dialeto ático, durante muito tempo pensou-se que continha o melhor texto de certos diálogos, e nomeadamente a República. Lewis Campbell em 1894, e James Adam em 1902, tomaram-no sucessivamente, como base de suas eruditas edições de sua obra.*

*Entretanto, já em 1830, CHR. Schneider colacionava um manuscrito até então pouco considerado, o Vindobonensis F, e tomava-lhe certo número de lições. Segundo ele, um dos mais recentes, e o mais douto editor de Platão, utilizou largamente este manuscrito. Mostrou que, embora datando do século XVI, o manuscrito prende-se a uma tradição mais antiga do que a de nossos mss. dos séculos IX e X. As falhas de transcrição e ortografia, muitas vezes grosseiras, que aí se apresentam, não poderiam diminuir sua autoridade, sendo imputáveis à ignorância do escriba que o copiou. Corrigidas estas falhas, resta que em muitos pontos o códex Vindobonensis F fornece excelentes lições e concorda de modo notável com as citações da República que figuram nas obras de Jâmblico, Galeno, Estobeu, Clemente de Alexandria e outros autores antigos. Por isso, mereceria contribuir para o estabelecimento do texto.*

*De outro lado, Marin Schanz descobriu, em 1877, a importância do Venetus D (século XII) e mostrou que derivava de uma fonte independente da do Parisinus A.*

*J. Burnet, na sua edição da República – que, segundo H. Alline, melhor corresponde aos resultados obtidos pela história do texto – utilizou estes quatro manuscritos principais e, particularmente o Vindobonensis F, do qual se serve para corrigir o Parisinus A. Foi o texto desta edição que, em geral, seguimos na presente tradução, exceto em algumas raras passagens, indicadas nas notas, onde adotamos, quer a lição do Parisinus A, quer determinada conjetura que nos pareceu a única a dar ao texto um sentido aceitável.*

(...)

## Jaime Bruna

Em sua tradução de 1963 dos *Diálogos* de Platão, publicada pela Cultrix [9], o tradutor Jaime Bruna faz uma análise da obra platônica e menciona os motivos da escolha dos textos e os objetivos da edição. Em um trecho de sua explanação, observamos que a opção por traduzir alguns diálogos em detrimento de outros foi feita com vistas a proporcionar ao público leitor a “versatilidade literária do Autor”. Nesse caso, é o tradutor que seleciona o que será primeiramente acessível ao leitor brasileiro da obra do autor grego. Ainda na mesma edição, há na orelha do livro uma breve menção à tradução de Jaime Bruna. Observa-se um elogio ao tradutor, ressaltando a qualidade de seu trabalho. A seguir, os referidos trechos:

### Introdução

(...) *“Neste volume se enfeixam apenas algumas das muitas obras de Platão. Escolheram-se com variedade, para permitir o conhecimento da versatilidade literária do Autor. Liga-as, porém, um nexa, que, embora alheio às intenções do escritor, serviu para presidir à escolha.”*

(...)

*“Assim enfeixados, desejamos sejam estes livros um estímulo para a leitura das demais obras de Platão e para o conhecimento da língua e da literatura grega, tão rica de grandes obras, cuja ausência na cultura brasileira, digamo-lo em voz baixa, é uma falha clamorosa e imperdoável”.* (p.10-11)

### Orelha do livro:

(...) *“Documento cuja leitura interessa, não apenas ao leitor especializado, (...), como ao leitor comum, desejoso de ilustrar o espírito e a sensibilidade.*

*Foi para este último tipo de leitor que o helenista Jaime Bruna traduziu, com proficiência e bom gosto, cinco diálogos platônicos que, variados no seu conteúdo especulativo, estão unificados por um nexa humano: a constante presença de Sócrates, o mestre bem-amado de Platão.”*(...)

Em sua tradução de *Górgias* de Platão, publicada em 1970 pela Difel [10], Jaime Bruna faz uma extensa apresentação da obra e do autor, e tece alguns comentários acerca da linguagem empregada por Platão, considerando-a de fácil acesso a todos. O tradutor dedica seu trabalho aos jovens, valorizando o retorno aos clássicos como um norteador de valores. Podemos perceber na fala do tradutor o interesse em tratar a obra traduzida como acessível e bastante atual, o que faz com que a leitura esteja “ao alcance de todos”. Na orelha do livro, a editora menciona a relevância da obra e o cuidado empreendido em relação à tradução. Além disso, o fato da tradução ter sido feita diretamente do grego é valorizado no comentário.

### Orelha do livro:

*Como as demais obras que compõem a pequena Biblioteca Difel, esta mereceu dos editores a melhor das atenções, pois sua tradução, diretamente do grego, foi entregue a*

*competente especialista, o Prof. Jaime Bruna, que a enriqueceu com judiciosa apresentação e grande número de notas que facilitam a compreensão do texto.*

Apresentação (por Jaime Bruna)

### 1. Dedicatória

*Dedico esta tradução à mocidade, por vê-la agitada e sem norte; porque renegou o passado, ela desfruta mal o presente e descrê do futuro. Em consequência, efervesce, rebelada.*

(...)

### 2. Platão, seu tempo e sua obra

*Muita gente, autores e leitores, imaginam que um tratado filosófico tem de ser insípido para ser digno; pesado, para ser profundo; desmazelado, para ser austero. Não assim Platão. Redigidos numa linguagem ao alcance de todos, seus diálogos são animados de verdadeiras peripécias, como as peças de teatro, com personagens vivas, cada qual com sua cultura e temperamento, debatendo temas fascinantes. De leitura leve, em suma, e, sem embargo, requintadamente artística, são todos importantes, atuais, enquanto o homem for homem, porque o seu alvo é exatamente o Homem e seus destinos nesta vida e na outra.*

(...)

Notas do tradutor

p. 132 (n.117): *“Infelizmente, na marcha das traduções os trocadilhos vão desfalecendo pelo caminho. Caíram nesta passagem, alguns pares, como sôma, corpo, e sêma, sepulcro.” O trecho da tradução é: “Não faz muito tempo, ouvi de sábio que presentemente estamos mortos e nosso corpo é uma tumba e a parte de nossa alma onde ficam as paixões é suscetível de suação e de mudança da água para o vinho.” (p.131)*

p. 158 (n.151): *“Sôfrôn, ao pé da letra, significa são de espirito; corresponde a um conceito complexo, que engloba praticamente todas as boas qualidades: bom senso, temperança, castidade, modéstia, simplicidade, docilidade, cordura, prudência; em suma, inteligência e virtude.” O trecho da tradução é: -- E a ordeira é sábia? (p.158)*

Jaime Bruna traduziu também as comédias de Plauto, *O cabo*, *Caruncho*, *Os menecmos* e *Os prisioneiros*, publicadas pela Cultrix em 1978 [11]. Nessa edição, encontramos algumas notas do tradutor comentando suas escolhas tradutórias, questões de trocadilhos que “infelizmente se perdem”, neologismos forjados pelo tradutor, entre outros assuntos. A seguir, as notas:

*O cabo*

p.243 n.11 – *Afasto-me dum hábito tradicional, modernizando os tratamentos; em latim não se empregava a terceira pessoa gramatical pela segunda. Dará razão ao tradutor quem imaginar como ficariam, por exemplo, as traduções do inglês, se nelas se conservasse o “vós”, correspondente gramatical do you, e quem refletir na falsa impressão de familiaridade que dariam escravos atuando os amos. Nota referente à seguinte passagem da tradução: “E eu os distraí de suas ocupações, sem lograr o objetivo que os trouxe!” (p.9)*

*Caruncho*

p.246 n.58 – *A reprodução dos trocadilhos não seria possível sem ligeira alteração neste passo e em diversos outros. Nota referente à seguinte passagem da tradução: “Por minha vida façam com que me alegre deste evento.”* (p.79)

p.246 n.59 – *O texto nos chegou defeituoso: duas sugestões para corrigi-lo não nos parecem satisfatórias: gramarum, os amarum. Pensamos em tramarum, teias de aranha. Nota referente à seguinte passagem da tradução: “Estou moto; enxergo mal, tenho os dentes cheios de teia de aranha...”* (p.79)

*Os menecmos*

p.247 n.83 – *O tradutor pede que lhe perdoem o neologismo. Nota referente à seguinte passagem da tradução: “Isso, minha rosa, é vestimenta para você e despimenta para minha mulher.”* (p.103)

*Os prisioneiros*

p.248 n.99 – *O autor, tendo referindo-se a cães de caça, venatici, sobre este nome moldou molossici, odiosici e incommoestici; tentando imitá-lo, o tradutor forjou, após esgalgados, de galgo, esmolossados, de molosso, esferezados, de feroz, e esmolestados, de molesto. Infelizmente se perdem, nas traduções, os saborosos equívocos e trocadilhos dos originais. Nota referente à seguinte passagem da tradução: “Nas férias, os parasitas ficamos esgalgados como cães de caça; com a volta ao trabalho, eis-nos esmolossados, esferezados, esmolestados.”* (p.145)

p.249 n.103 – *No original, após nomes de populações que soam como cognatos de nomes comestíveis, surgem nomes fictícios neles decalcados, que, traduzidos à letra não teriam graça. Substituímo-los por outros de iguais características: Paduanos, lembrando padas de pão; Bolonheses, lembrando bolos, etc. Nota referente à seguinte passagem da tradução: “Primeiro, você precisa de Paduanos, e esses de vários tipos; depois, depois de Bolonheses e também de Pandelócios; precisa de Galegos, de Frangulinos e de Pombalenses.”* (p.148)

p.249 n.112 – *Perdoe-se ao tradutor mais este neologismo; jejuno é que não servia. Nota referente à seguinte passagem da tradução: “Estou para ver um dia mais jejunto, mais farto de fome...”* (p.158)

p.250 n.127 – *A frase latina carrega uma ambiguidade, que não foi possível conservar. Places, tanto é o indicativo de placere, significando agradas, quanto o subjuntivo de placere, significando oxalá aplacasses. O trecho todo é repassado de segundos sentidos sutis. Nota referente à seguinte passagem da tradução: “Ao senhor, caramba! ... ao senhor cabe dar-me alvíssaras, tal a felicidade que acabo de lhe trazer do porto. Agora o senhor deve me aplacar.”* (p.173)

p.250 n.134 – *Tradução alterada para permitir trocadilho. Nota referente à seguinte passagem da tradução: “Pois deixou de ser Siciliano; agora é calbrês, pois traz pendurado no pescoço um calabre.”* (p.174)

p.250 n.135 – *Tradução conjetural; o texto chegou-nos mutilado. Nota referente à seguinte passagem da tradução: “Quando vi aquela cara de fome, pensei que ia avançar sobre mim.”* (p.175)

O tradutor João Cruz Costa assina a tradução direta do grego juntamente com Jorge Paleikat dos *Diálogos* de Platão, *Fédon*, *Sofista* e *Político*, publicados pela Editora Globo em 1961 [12]. Nessa edição não há comentários sobre a tradução, apenas a informação de que Jorge Paleikat é catedrático de língua e literatura grega na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul e João Cruz Costa, catedrático de filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo.

### **Jorge Paleikat**

Em sua tradução dos *Diálogos* de Platão, *Menon*, *Banquete* e *Fedro*, publicada pela Globo em 1954 (3ª ed.) [13], Jorge Paleikat assina uma nota introdutória, intitulada “Duas palavras do tradutor”. Trata-se de um texto relevante em termos da visibilidade do tradutor devido a sua extensão e também por conter o pensamento do tradutor acerca da tarefa tradutória. Paleikat explica a seleção que fez dos dez diálogos que seriam traduzidos, e depois passa a analisar o processo empreendido pelo tradutor. Por meio de uma metáfora, aborda a dificuldade de se traduzir um texto antigo para um idioma moderno, ressaltando que uma tradução literal resultaria em um texto “incompreensível ao leitor que desconhece o grego”. Comparando a tradução a um retrato que “jamais adquirirá vida; no máximo, logrará reproduzir de forma verídica as feições exteriores do modelo”, Paleikat entende a tradução como um texto derivado que precisa encontrar a medida certa de equilíbrio entre o literal e a liberdade do tradutor para conseguir retratar o original de forma fiel. Paleikat considera ainda fundamental a cultura do tradutor, que deve conhecer profundamente a obra e o período histórico em que está inserida. A seguir, o texto integral:

#### *Duas palavras do tradutor*

*Empreendeu a Livraria do Globo dar ao público brasileiro uma seleção de diálogos platônicos que expusesse, num quadro harmônico, os pontos essenciais e a evolução da filosofia do grande pensador grego. Tendo-me sido dado a escolher dez diálogos que melhor correspondessem a esse propósito, optei, depois de madura reflexão, pelos seguintes: (1) “Mênon”, que representa a formação embrionária do sistema platônico; (2) “Fedro”, que expõe pela primeira vez a teoria das ideias, base da filosofia do nosso autor, e (3) o “Banquete”, que é um comentário ao “Fedro”. Estes três diálogos formarão o primeiro volume. No segundo serão incluídos: (4) “Fédon”, que trata da imortalidade da alma, e (5) “Parmênides”, em que o autor fala das dificuldades que encontrou em suas pesquisas filosóficas. No terceiro volume daremos: (6), o “Sofista” e (7) o “Político”, que constituem uma introdução à grande obra nuclear, (8) a “República” (quarto volume). E por fim, formando o quinto volume, (9) “Timeu” e (10) “Crítias”, que o próprio autor considera como peças complementares de sua obra principal, a “República”. Além desses, o grande filósofo escreveu vários outros diálogos de valor, mas para um conhecedor do assunto não há a menor dúvida de que, em uma edição incompleta das obras de Platão, nenhum dos diálogos acima poderia ser substituído por outro.*

*Muito menos simples foi a tarefa da tradução. Toda tradução de uma obra sobre assunto profundo pode ser comparada ao retrato de uma pessoa. O retrato jamais adquirirá vida; no máximo, logrará reproduzir de forma verídica as feições exteriores do modelo. Isto é ainda mais verdadeiro quanto à tradução de uma obra antiga. O*

*grego, a língua das línguas, não se ajusta à feição de um idioma moderno como um sapato ao respectivo pé. A tradução literal de diálogo platônico não só ofereceria um português deselegante, mas seria incompreensível ao leitor que desconhece o grego. Por outro lado, uma tradução livre demais deixaria de ser tradução, transformando-se em paráfrase de escasso valor. Ambos os extremos deviam ser evitados, o que apresentava grandes dificuldades.*

*Neste ponto, desejo expressar minha gratidão aos devotados colaboradores que me auxiliaram em tal tarefa, snrs. Leonel Vallandro, Carlos Gálvez, Paulo Tollens e Eurípedes Minoggio, e sobretudo ao prof. João Cruz Costa, da Faculdade de Filosofia de S. Paulo: somente graças a contribuição desses senhores pôde a nossa obra ser apresentada sob uma forma literária fiel ao original e ao mesmo tempo amena e acessível ao público em geral.*

*Mas as dificuldades não consistiam apenas no estilo e na forma da tradução. Para compreender um diálogo platônico não basta entender o texto, é também necessário um conhecimento profundo da história e da geografia da Grécia antiga, bem como da sua cultura geral. Os leitores contemporâneos de Platão conheciam o país e entendiam o que o autor queria dizer, mas nos nossos dias qualquer livro da antiguidade necessita ser explicado. A este respeito, tratou-se novamente de evitar dois extremos: o leitor nem gosta de textos que considera mal explicados, nem de notas explicativas que não lhe interessem. Esta dificuldade, porém, foi eliminada pela direção da Livraria do Globo, que resolveu lançar simultaneamente duas edições da nossa obra: uma, na qual são estudados os problemas filológicos, e outra, por assim dizer, popular, cujo primeiro volume o leitor tem agora nas mãos. Contém ela apenas algumas notas absolutamente necessárias, sendo que as marcadas com abreviatura “n.r.” foram redigidas por meu ilustre colaborador, prof. João Cruz Costa, e as assinaladas com “n.t.” são de minha autoria.*

*A mesma dificuldade tivemos de enfrentar no que toca às introduções. Os diálogos platônicos, a época em que foram escritos, a ordem em que foram publicados, etc., oferecem à filologia vários problemas complexos, de forma que ainda hoje não terminaram as pesquisas em torno de Platão. Em alguns pontos diferem grandemente as opiniões dos especialistas; além disso, a filologia fez progressos, e certas opiniões, por todos aceitas no século passado, não se admitem mais hoje em dia. Diante desse fato, tentei, nas minhas introduções anexadas aos textos, apresentar uma contribuição à grande obra de pesquisa filológica sobre Platão e, simultaneamente, dar ao leitor interessado uma ideia da importância desses trabalhos. Mas é claro que nem todos os leitores se interessam por questões filológicas e controvérsias entre especialistas. Eis a razão por que a Livraria do Globo resolveu publicar esses meus trabalhos somente na edição erudita, e meu apreciado colaborador, prof. João Cruz Costa, teve a gentileza de escrever para a presente edição breves introduções, expondo as opiniões de alguns filólogos europeus. Como apresentação da obra, escolheu-se um belo ensaio de Paul Tannery, grande filólogo francês do século passado, ensaio esse em que a vida e filosofia de Platão são expostas de maneira acessível a todos. O fato de que todas essas doutrinas contradizem por vezes as minhas – de que essas autoridades, por exemplo, como todos faziam no século XIX, consideram o “Fedro” como obra posterior ao “Banquete” – não tem importância. Para o leitor que não aprecia os trabalhos filológicos é indiferente qual dos dois diálogos tenha sido escrito antes do outro, mas para aquele que deseja dedicar-se profundamente ao estudo da filosofia platônica, será interessante e valioso comparar as ideias debatidas nessas controvérsias e formar uma opinião própria. Em ciência não há autoridade infalível que decida ex cathedra e dispense os outros de pensar; cada um tem direito de possuir sua opinião, e o*

*especialista que se consagra aos estudos platônicos não só tem esse direito mas a obrigação de formar um opinião pessoal e procurar contribuir para o progresso nesta importante matéria. É claro que nenhum verdadeiro filólogo, isto é, aquele que conhece as dificuldades do seu assunto, pretenderá arrogar-se uma infalibilidade absoluta, mas somente exigirá que seus argumentos sejam examinados e discutidos por outros, para estimulá-los a fazer mais progressos. Todo filólogo conhece o provérbio oriental: “Deus sabe melhor”.*

JORGE PALEIKAT.

### **José Cavalcante de Souza**

José Cavalcante de Souza, tradutor de Platão, em sua tradução do *Banquete* de 1966 [14], assina uma nota introdutória em que critica a qualidade das traduções existentes e o hábito das traduções indiretas, feitas sobretudo a partir do francês. Sua crítica tem um caráter político ao apontar para a dependência cultural brasileira em relação a “outras culturas mais vigorosas”, constituindo um obstáculo ao desenvolvimento de nossa potencialidade ou “expressão própria”. Ele também ressalta a importância do estudo empreendido pelo tradutor, fundamental para a realização de traduções de qualidade de obras clássicas do grego e do latim. O tradutor deve realizar um trabalho de “recriação” para atualizar o texto antigo para o público leitor moderno.

Na mesma edição há um texto do tradutor intitulado “Texto, tradução e notas” em que José Cavalcante de Souza aborda a questão da dificuldade de se estabelecer que fontes devem ser utilizadas para a tradução de uma obra antiga. Dada a existência de diversos manuscritos e edições antigas, não é simples a tarefa de se definir que textos tomar como base para a tradução. O tradutor então explica suas escolhas e revela o “prazer” que teve de traduzir diretamente do grego, pois, para ele, as traduções brasileiras realizadas indiretamente a partir de línguas modernas, como o francês, não conseguem expressar as características particulares de nossa língua. Souza portanto valoriza a tradução direta como o melhor meio para que o tradutor alcance a particularidade, crie um texto próprio que revele o “caráter de nossa língua”. Ainda assim, ele se mostra humilde em seu intento afirmando que “é bem provável que a presente tradução nada tenha de excepcional”. A seguir, trecho da orelha do livro, a nota introdutória de José Cavalcante de Souza e seu texto “Texto, tradução e notas”:

Orelha do livro:

(...)

*Com esta obra a Difusão Europeia do livro lança sua Pequena Biblioteca Difel que visa proporcionar aos estudiosos os melhores textos greco-latinos traduzidos diretamente das fontes originais.*

Nota introdutória:

*Este volume inicia uma coleção que pretende trazer ao público de língua portuguesa as grandes obras dos clássicos gregos e latinos.*

*Nas vitrinas das nossas livrarias não é raro encontrar algumas dessas obras, muitas delas em diversas edições, do Brasil e de Portugal. O que não é tão raro infelizmente é verificar que a maioria delas são traduções indiretas, do francês principalmente, e que aquelas que não o são revelam todavia, na maioria dos casos, uma imaturidade de*

*expressão que é por assim dizer fatal para uma apresentação condigna desses clássicos.*

*Sem dúvida esse é apenas um aspecto de um problema mais e amplo e complexo da nossa atividade publicitária, a saber, o das traduções. Se o número destas já constitui de qualquer modo um índice confortante da sadia curiosidade do nosso público, sabidamente aberto a todos os ventos da cultura universal, infelizmente não se pode justificar um idêntico otimismo quando se considera a sua qualidade. Esta é em geral inferior, e sobretudo atesta o ainda acentuado grau de nossa dependência de outras culturas mais vigorosas. A maior parte de nossas traduções é feita do francês, do inglês ou do espanhol, mesmo quando se trata de obras de outras procedências, e tal preponderância não se efetua sem prejuízo da nossa expressão própria, frequentemente desfigurada e mutilada por verdadeiros decalques daqueles idiomas. Cabe ressaltar que não nos referimos a intercâmbios normais de formas e modos de expressão entre uma e outra língua, mas a um processo mais sutil de descaracterização, que se reflete inclusive no próprio pensamento.*

*Um dos casos mais curiosos dessa dependência cultural se verifica precisamente no setor das traduções dos clássicos gregos e latinos. Estes continuam a ser estudados nos países de longa tradição humanista, onde helenistas e latinistas estão sempre a reconsiderar os seus textos, num inteligente esforço de manutenção ou redescoberta da sua atualidade. E para mostra-la aos seus contemporâneos, entregam-se esses estudiosos a uma verdadeira obra de recriação, feita de um contato diuturno com o texto antigo e uma profunda vivência da cultura atual. O resultado é que, através desse trabalho, se pode ler a poesia de Homero ou de Virgílio, a história de Tucídides ou de Tácito, o diálogo de Platão ou o tratado de Cícero, e como apalpar a sua decantada perenidade nos moldes de uma linguagem atualíssima. A grandeza própria de cada uma dessas obras não é constituída de elementos que se possam trasladar segundo um sistema preestabelecido de equivalências, capaz de ser aplicado mecanicamente, e portanto indefinidamente, de uma língua a outra. Sem dúvida o mesmo pode-se dizer de qualquer grande obra literária moderna, mas a parte de recriação no traslado de um texto grego ou latino é inegavelmente bem maior, não tanto em razão da sua antiguidade como sobretudo por se tratar de duas línguas que em planos diferentes estão subjacentes em todos os idiomas civilizados do Ocidente. Esta situação peculiar do grego e do latim explica a persistência do seu estudo, hoje mais do que nunca, à medida que lentamente se entrelaçam as grandes culturas do nosso planeta, exigindo da ocidental uma melhor caracterização da sua complexa unidade.*

*Em nosso país não é raro ouvir falar de nossa tradição humanista. A ela se referem não apenas aqueles que a consideram com nostalgia, contrapondo-a a um inglório presente sufocado pela técnica, como também aqueles que, justamente sensibilizados pelas misérias desse presente, apontam para aquela tradição como um luxo extemporâneo, senão corresponsável pela precariedade de nossa vida atual. O problema é muito mais complexo do que deixa ver essa rápida pincelada, e se o mencionamos é apenas para tornar bem claro que os responsáveis por essa coleção não a empreendem sem uma convicção firmada a esse respeito. Diretamente afrontados por essa questão e vivendo-a profundamente em razão da sua própria atividade profissional, acham eles que a partir de agora, e só a partir de agora, decorridos alguns anos de experiência, começam a ter condições para iniciar uma apresentação sistemática dos textos básicos da literatura grega e latina. E decididos a não perderem esta preciosa oportunidade, sentem-se eles não como paladinos de uma cultura ameaçada, mas antes como os modestos pioneiros de um empreendimento que esperam poder ser de grande utilidade à cultura brasileira.*

*Texto, tradução e notas (por José Cavalcante de Souza)*

*Para a presente tradução servi-me dos textos de J. Burnet, da Biblioteca Oxoniensis (Oxford) e de L. Robin, da coleção “Les Belles Lettres”. Como comecei a trabalhar com o primeiro, serviu-me ele naturalmente de primeiro fundamento, ao qual apliquei algumas lições do segundo que é mais recente<sup>1</sup> e que oferece um aparato crítico bem mais rico. O confronto dessas duas excelentes edições possibilitou-me mesmo a apresentação de um terceiro texto, que representa uma tentativa de aproveitamento do que elas têm de melhor, e que espero poderá ser um dia aproveitado numa edição bilíngue. Na impossibilidade de o fazer agora, julgo todavia que não será de todo fora de interesse, sobretudo para a apreciação da tradução, prestar algum esclarecimento sobre a maneira como se preparam as edições modernas dos textos gregos.*

*O estabelecimento de um texto grego antigo é um trabalho à primeira vista altamente maçante, sem dúvida alguma árduo, mas afinal capaz de suscitar profundo interesse e mesmo empolgar o espírito de quem se disponha a abordá-lo. Um editor moderno encontra-se em face de várias edições anteriores, de uma profusão de manuscritos medievais, de alguns papiros e uma quantidade de citações de autores antigos. Tudo isso perfaz a tradição do texto que ele se dispõe a rerepresentar. Numa extensão de dois mil e tantos anos, as vicissitudes da história fizeram-na seccionar-se em etapas com desenvolvimento próprio, sob o qual se dissimulam os sinais de sua continuidade. Assim, ele tem que levar em conta uma tradição antiga, uma tradição medieval e mesmo, podemos acrescentar, uma tradição moderna. Cada uma delas reclama um tratamento especial, a se efetuar todavia sempre em correlação com as demais.*

*(...)*

*As edições de Burnet e de Robin apresentam em seu texto muitas concordâncias. Ambas se efetuaram ao termo de uma longa evolução da crítica de texto, e em consequência trazem ambas um traço comum que as diferencia da maioria das edições do século XIX, e que é uma acentuada prudência na adoção das correções modernas, abundantes entre os editores do século anterior. O aparato crítico de ambas, particularmente o de Robin, bem mais rico a esse respeito, dá bem uma ideia disso. O texto de Robin, quanto à escolha das lições, parece mais conservador ainda que o de Burnet, mais respeitador da tradição dos manuscritos, o mesmo não ocorrendo porém quanto à pontuação do texto e à disposição dos parágrafos, que ele procura apresentar à moda dos livros modernos. Tal procedimento, justificável aliás diante da irregularidade que os manuscritos apresentam a este respeito – como aliás a tradição antiga --, se tem a vantagem da clareza, muitas vezes afeta o estilo ou mesmo o sentido de certas passagens do texto. A dissimulação do estilo é particularmente sensível aqui no Banquete, nos discursos de Pausânias e de Alcibiades, em que uma pontuação moderna reduz os longos períodos do primeiro e disciplina as frases naturalmente desordenadas do segundo. Esse motivo levou-me afinal a conservar o texto de Burnet como base, embora adotando um maior número de lições de Robin.*

*Em algumas das dificuldades da tradução vali-me das traduções francesas de L. Robin (“Les Belles Lettres”) e de Emile Chambry (Edições Garnier), assim como em uns poucos casos da tradução latina de B. B. Hirschig, da coleção Didot. Todavia cumpre-me declarar com o risco embora de parecer incorrer em pecado de faduidade, o prazer especial que me deu a versão direta do texto grego ao vernáculo, cujas genuínas possibilidades de expressão me parecem ofuscadas e ameaçadas no tradutor brasileiro de textos gregos e latinos pelo prestígio das grandes línguas modernas da cultura*

*ocidental. É bem provável que a presente tradução nada tenha de excepcional, e que o seu autor, em muitos torneios de frases e em muita escolha de palavra, tenha sido vítima da falta de disciplina e de tradição que está porventura alegando nesse setor da nossa atividade intelectual. No entanto, em alguma passagem, ele terá talvez acertado, e esse parco resultado poderá dar uma ideia do que seria uma reação especial nossa a um texto helênico, que conhecemos geralmente através da sensibilidade e da elocubração do francês, do inglês, do alemão, etc. Nossa língua tem necessariamente uma maleabilidade especial, uma peculiar distribuição do vocabulário, uma maneira própria de utilizar as imagens e de proceder às abstrações, e todos esses aspectos da sua capacidade expressiva podem ser poderosamente estimulados pelo verdadeiro desafio que as qualidades de um texto grego muitas vezes representam para uma tradução. A linguagem filosófica sobretudo, e em particular, a linguagem de Platão, oferece sobre esse aspecto um vastíssimo campo para experiência dessa natureza. Alguns exemplos do Banquete ilustram muito bem esse tipo especial de dificuldades que o tradutor pode encontrar e para às quais ele acaba muitas vezes recorrendo às notas explicativas. No entanto, se estas são inevitáveis numa tradução moderna, não é absolutamente inevitável que sejam as mesmas em todas as línguas modernas. Fazer com que se manifeste nesta tradução justamente a diferença que acusa a reação própria e o caráter de nossa língua, eis o objetivo sempre presente do tradutor.*

*J. C. de Souza*

### **Leonel Vallandro**

Na *República* de Platão, publicada em 1968 pelas Edições de Ouro com tradução de Leonel Vallandro [15], não há comentários acerca da tradução.

### **Maria Lacerda de Moura**

Em *Apologia de Sócrates* de Platão, publicada em 1955 pela Atena Editora com tradução de Maria Lacerda de Moura [16], não há comentários acerca da tradução.

### **Miguel Ruas**

No *Fédon* de Platão, publicado em 1955 pela Atena Editora com tradução de Miguel Ruas [17], há uma apresentação (não assinada, possivelmente do tradutor ou da editora) em que a obra é comentada, fazendo uma rápida menção à fonte utilizada para a tradução:

*O “Fédon”*

*(...)“E aqui se coloca uma questão: o “Fédon” deve ser considerado como uma narrativa histórica daquilo que realmente se passou e se disse no último dia da vida de Sócrates? Essa é a opinião sustentada, entre outros, por John Burnet. Léon Robin, (de cuja tradução nos valem, principalmente, para esta edição em português do “Fédon”), não aceita esse ponto de vista.” (...) (p.8)*

### **Rosa Freire d’Aguiar**

Na edição de *Os ensaios* de Montaigne, lançada em 2010 pela Companhia das Letras [18], encontramos uma nota da tradutora Rosa Freire d'Aguiar em que ela esclarece qual edição utilizou para sua tradução. A tradutora analisa a linguagem utilizada pelo autor e expressa seu objetivo de “conciliar o respeito ao original com a legibilidade para um leitor de hoje”. Em seu comentário estão presentes as questões da fidelidade ao texto fonte e da busca por um texto fluente com o objetivo de torná-lo acessível e prazeroso ao leitor contemporâneo.

A Companhia das Letras, em seus atuais relançamentos de clássicos traduzidos, apresenta textos sobre o autor da obra, o tradutor e o organizador (quando é o caso). Essa é uma nova proposta que dá visibilidade ao tradutor. O leitor não só é lembrado que se trata de uma tradução realizada por alguém, como também tem a seu alcance informações sobre esse tradutor. Assim, temos informações objetivas sobre Rosa Freire d'Aguiar e também um pouco de sua visão geral sobre a atividade tradutória, ao lermos que ela “acredita que o tradutor é um ser “obcecado” e “duvidante” e que uma boa tradução depende também, da empatia entre tradutor e autor”. A seguir, a nota da tradutora e o texto de sua apresentação:

Nota da tradutora (p.31 a 33)

*Os ensaios, de Montaigne*

*Rosa Freire d'Aguiar*

*O texto de Os ensaios aqui traduzido é o da edição póstuma de 1595, a mesma que serviu de base para a edição publicada em 2007 pela editora Gallimard na coleção Pléiade. Não existe uma edição definitiva da obra de Montaigne. A importância e o caráter dos acréscimos que ele foi incorporando ao texto, desde que escreveu o primeiro ensaio, por volta de 1571, até morrer, em 1592, mostram que seu projeto não parou de evoluir e se adensar ao fio das edições. A primeira, de 1580, traz apenas os livros I e II. Dela já consta um dos mais famosos ensaios da obra, “Sobre os canibais”, que reconstitui o encontro de Montaigne com três índios brasileiros tupinambás, em Rouen, em outubro de 1562. Em 1588 sai a quinta edição, trazendo o Livro III, cerca de quinhentas novas citações e outras tantas adições e modificações. É a última edição publicada com o autor em vida. Um dos exemplares dessa edição de 1588, copiosamente anotado por Montaigne, está conservado na Biblioteca Municipal de Bordeaux: é o Exemplar de Bordeaux. Outro, com as últimas intervenções de Montaigne e guardado pela família, serviu de base à edição de 1595, organizada por Marie de Gournay, a jovem literata e admiradora de Montaigne, que a considerava uma filha adotiva. O trabalho minucioso de Gournay consistiu em fazer alterações de grafia e incorporar centenas de correções e acréscimos feitos nas margens e entrelinhas pelo autor. A edição de 1595 conheceu sucesso imediato e serviu para várias outras edições, algumas clandestinas, outras expurgadas, durante pelo menos dois séculos, pois só no início do século XIX publicou-se o texto conforme o Exemplar de Bordeaux. Foi a edição póstuma que leram os contemporâneos de Montaigne, assim como Pascal, Voltaire, Rousseau, e tantos outros intelectuais que contribuíram para difundir o monumento literário de Montaigne. Marie de Gournay também fez inúmeras anotações ao texto, tendo rastreado e traduzido as fontes das citações. Desde então, os especialistas sucessivos acrescentaram notas próprias às das edições anteriores.*

*As notas introdutórias de cada ensaio e as notas de rodapé desta edição foram feitas pela tradutora a partir da edição da Pléiade de 2007, organizada por Jean Balsamo, Michel Magnien e Catherine Magnien-Simonin, da Seleção dos Ensaios publicada em 2004 pela Penguin Classics, com organização e tradução de M. A. Screech, e da edição*

virtual feita por Guy de Pernon em 2008, apresentando a obra de Montaigne em francês contemporâneo.

A numeração seguida no sumário corresponde aos números de cada ensaio dos três livros que formam o conjunto da obra. Quando não comprometido o entendimento do texto, manteve-se a pontuação adotada por Montaigne, que se reconhecia “pouco especialista” na matéria e recorria aos dois-pontos e pontos e vírgulas como forma de cadenciar o texto. Também foi respeitada a disposição original do texto, sem parágrafos, ou melhor, com um só parágrafo por ensaio.

Montaigne aprendeu a falar em latim, a língua da elite culta, e só aos seis anos iniciou-se no francês. A influência do latim se faz presente tanto na profusão de citações de autores da Antiguidade como na própria estrutura da frase, muito próxima da sintaxe latina. Os ensaios são escritos em linguagem recheada de incisos, digressões, arcaísmos, trocadilhos, às vezes em detrimento da clareza. Acrescenta-se que muitas anotações marginais feitas pelo autor de modo elíptico tinham um significado que provavelmente só era claro para ele. Esta tradução procura conciliar o respeito ao original com a legibilidade para um leitor de hoje, apresentando-lhe uma versão cuja fluência, longe de banalizar a obra, o leve ao prazer da leitura de Os ensaios.

Texto de apresentação da tradutora Rosa Freire d’Aguiar:

Rosa Freire d’Aguiar nasceu no Rio de Janeiro. Nos anos 1970 e 1980 foi correspondente em Paris das revistas *Manchete* e *IstoÉ*. Retornou ao Brasil em 1986 e no ano seguinte traduziu seu primeiro livro, para a editora Paz e Terra: *O conde de Gobineau no Brasil, de George Raeders*. Em mais de vinte anos de atividade, verteu mais de sessenta títulos nas áreas de literatura e ciências humanas. Além do francês, idioma do qual transpôs para o português, entre outros, Céline, Orsenna, Lévi-Strauss, Debret e Balzac, traduz do espanhol e do italiano, línguas que também aperfeiçoou durante os anos de jornalista na Europa. Sua língua de preferência, no entanto, é mesmo o idioma de Montaigne, autor que ela pretendia traduzir desde os anos 1990, não só pelo conteúdo humanista dos *Ensaaios* mas pelo desafio de traduzir um texto de quatro séculos de modo a conquistar o leitor de hoje. Acredita que o tradutor é um ser “obcecado” e “duvidante” e que uma boa tradução depende também, da empatia entre tradutor e autor. Entre os prêmios que recebeu estão o da União latina de tradução Científica e Técnica (2001) por *O universo, os deuses, os homens* (Companhia das Letras), de Jean-Pierre Vernant, e o Jabuti (2009) pela tradução de *A elegância do ouriço* (Companhia das Letras), de Muriel Barbery.

A partir dos textos encontrados, podemos observar alguns temas comuns abordados pelos tradutores.

1. Posição de humildade perante o trabalho realizado: a afirmação de que o texto traduzido contém imperfeições e o “pedido de desculpas” feito pelo tradutor ao leitor.
2. A inevitável perda no processo tradutório: termos e expressões considerados impossíveis de traduzir, e a percepção de que o tradutor não tem como expressar toda a gama de significados presente no original.
3. A dificuldade específica de traduzir textos antigos para uma língua moderna: a necessidade que o tradutor tem de estudar profundamente a obra e seu contexto, e o trabalho de torná-la acessível ao leitor contemporâneo.

4. O respeito ao original: a busca pela fidelidade ao texto fonte, mesmo quando o tradutor afirma que precisa fazer modificações formais ou atualizações contextuais.
5. A valorização das traduções diretas: a importância de se traduzir direto das fontes originais para a elaboração de um texto que contenha as características particulares do português e não seja um “decalque” de outras traduções.
6. O objetivo do tradutor: a busca por tornar o texto acessível e prazeroso a um público amplo.

### Referências

- [1] PLAUTO. *Aulularia (A marmita)*. Comédia em cinco atos de Marco Accio Plauto traduzida em versos portugueses pelo Barão de Paranapiacaba. Rio de Janeiro: Typographia Chrysalida, 1888. Localização: II – 416, 3, 29.
- [2] PLAUTO. *Aulularia (A comédia da panelinha)*. Tradução de Aída Costa. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. Localização: V – 278, 8, 24.
- [3] PLAUTO. *A comédia latina (Anfitrião, Aulularia, Os cativos, O gorgulho)*. TERÊNCIO. *(Os adelfos, O eunuco)* Prefácio, escolha, tradução e notas de Agostinho da Silva. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1952. Localização: I – 320, 2, 15.
- [4] PLATÃO. *O Banquete*; PLOTINO. *Do amor*. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, (Coleção Cultura Clássica), (ano ?). Livro antigo; não consta o ano de publicação (entrada do livro na Biblioteca Nacional em 1936). Localizador: II – 296, 4, 14.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, (Coleção Cultura Clássica), (ano ?). Livro antigo; não consta o ano de publicação (entrada do livro na Biblioteca Nacional em 1949). Localizador: I – 240, 3, 17.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo: Atena Editora, 1955. Localizador: II – 413, 2, 34.
- [5] PLATÃO. *Diálogos (Apologia de Sócrates, Critão, Laquete, Cármides, Lísida, Eutífrone, Protágoras, Górgias)*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1970. Localizador: II – 35, 7, 13.
- PLATÃO. *Diálogos (Apologia de Sócrates, Critão, Menão, Hípias Maior e outros)* Vol. I e II. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1980. Localizador: VI – 263, 2, 1.
- PLATÃO. *Diálogos (Protágoras, Górgias, O Banquete, Fedão)* Vol. III e IV. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1980. Localizador: VI – 263, 2, 2.
- [6] PLATÃO. *A República*. Tradução de Eduardo Menezes. São Paulo: Hemus, (ano ?). Localizador: IV – 297, 1, 7.
- [7] PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. Tradução de Jaime Bruna; XENOFONTE. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates e Apologia de Sócrates*. Tradução de Líbero Rangel de Andrade da versão francesa de Eugène Talbot; ARISTÓFANES. *As nuvens*. Tradução e notas de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores II), 1972. Localizador: VI – 372, 4, 1.
- [8] PLATÃO. *A República*. 2 Volumes. Tradução de J. Guinsburg. Introdução e notas de Robert Baccou. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965. Localizador: II – 99, 7, 3.

- [9] PLATÃO. *Diálogos (Defesa de Sócrates; Um Banquete; Êutifron; Critão, ou O Dever; Fédon)*. Seleção, introdução e tradução direta do grego por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1963. Localizador: II – 86, 1, 23.
- [10] PLATÃO. *Górgias*. Tradução, apresentação e notas do Prof. Jaime Bruna. São Paulo: Difusão Européia do Livro (Pequena Biblioteca Difel), 1970. Localizador: II – 27, 1, 2.
- [11] PLAUTO. *Comédias (O cabo, Caruncho, Os menecmos, Os prisioneiros, O soldado fanfarrão)*. Seleção, introdução, notas e tradução direta do latim por Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix, 1978. Localizador: III - 417, 6, 30.
- [12] PLATÃO. *Diálogos II (Fédon, Sofista, Político)*. Tradução direta do grego por Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Estudo introdutório sobre o pensamento de Platão por Albert Rivaud. 1ª Edição 2ª impressão. Porto Alegre: Editora Globo, 1961. (Obs: 1ª Edição 1ª impressão – maio de 1955.) Localizador: I – 198, 8, 47.
- [13] PLATÃO. *Diálogos I (Menon, Banquete, Fedro)*. Tradução brasileira diretamente do grego pelo Dr. Jorge Paleikat. Porto Alegre: Editora Globo, 1954. 3ª Edição. Localizador: I -198, 7, 32.
- PLATÃO. *Diálogos I (Menon, Banquete, Fedro)*. Tradução brasileira diretamente do grego pelo Dr. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Edições de Ouro Tecnoprint (direitos cedidos pela Editora Globo), 1968. Localizador: II – 59, 1, 50.
- [14] PLATÃO. *O banquete ou Do amor*. Tradução, introdução e notas do Prof. J. Cavalcante de Souza. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1966. Localizador: II – 69, 3, 33.
- PLATÃO. *O Banquete*. Tradução de José Cavalcante de Souza. Fédon, Sofista, Político. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural (*Os Pensadores III*), 1972. Localizador: IV – 424, 5, 2.
- [15] PLATÃO. *Diálogos III (A República)*. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Edições de Ouro (direitos cedidos pela Editora Globo), 1968. Localizador: II – 59, 1, 50.
- [16] PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução e Apêndice de Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Atena Editora, 1955. Localizador: II – 416, 1, 21.
- [17] PLATÃO. *Fédon*. Tradução de Miguel Ruas. São Paulo: Atena Editora, (ano ?). Entrada do livro na Biblioteca Nacional em 1957. Localizador: II – 271, 1, 31.
- [18] MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios: uma seleção*. Organização M. A. Screech; Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.